



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (DHI)**

ISAAC CONCEIÇÃO NERY SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA-IMAGÉTICA DO BARCO DE FOGO NA
IDENTIDADE ESTANCIANA (2014-2024)**

SÃO CRISTÓVÃO, 2026

ISAAC CONCEIÇÃO NERY SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA-IMAGÉTICA DO BARCO DE FOGO NA
IDENTIDADE ESTANCIANA (2014-2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura em História.
Orientadora: Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello

São Cristóvão, 2026

Resumo: A investigação aborda o Barco de Fogo de Estância (SE), originário das décadas de 1940 e 1950, em sua evolução nas formas de divulgação histórica-imagéticas entre 2014 e 2024. A pesquisa parte do diálogo entre memória, representações sociais e manifestações culturais para compreender transformações e permanências na identidade local. O objetivo geral é analisar como o barco de fogo construiu uma representação histórica-imagética que se consolidou como símbolo cultural e histórico de Estância. Justifica-se pela escassez de estudos históricos sobre o tema e na pertinência acadêmica de registrar o modo como as representações são elaboradas e difundidas na sociedade considerando a institucionalização e espetacularização das festas juninas. Hipotetiza-se que a construção imagética do patrimônio imaterial estanciano se pauta na relação de afetividade para a vinculação das memórias e noção de pertencimento, apoiando-se em figuras fundadoras como Chico Surdo. As fontes incluem, cartazes e banners anuais com referências ao Barco de Fogo, coletados nos arquivos da prefeitura e nas redes sociais. O referencial teórico articula a noção de memória institucional como processo dinâmico e inacabado (Thiesen, 2023). A pesquisa adota metodologia qualitativa, com ênfase na análise imagética nos princípios da iconologia (Vicente, 2008) e na relação entre narrativas institucionais e dinâmicas sociais amplas.

Palavras-chaves: Barco de Fogo; Patrimônio Cultural; Imagem; Representação.

Abstract: The investigation addresses the Barco de Fogo of Estância (SE), originating in the 1940s and 1950s, focusing on its evolution in the forms of historical-imagetic dissemination between 2014 and 2024. The research is grounded in the dialogue between memory, social representations, and cultural manifestations in order to understand transformations and continuities within local identity. The general objective is to analyze how the Barco de Fogo has constructed a historical-imagetic representation that has become consolidated as a cultural and historical symbol of Estância. The study is justified by the scarcity of historical research on the topic and by the academic relevance of documenting how representations are produced and disseminated in society, considering the institutionalization and spectacularization of the June festivities. The hypothesis is that the imagetic construction of Estância's intangible heritage is based on affective relations that connect memories to a sense of belonging, supported by foundational figures such as Chico Surdo. The sources include annual posters and banners referencing the Barco de Fogo, collected from municipal archives and social media. The theoretical framework articulates the notion of institutional memory as a dynamic and unfinished process (Thiesen, 2023). The research adopts a qualitative methodology, with emphasis on imagetic analysis grounded in the principles of iconology (Vicente, 2008) and in the relationship between institutional narratives and broader social dynamics.

Keywords: Barco de Fogo; Cultural Heritage; Image; Representation.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria ao longo de toda essa trajetória, iluminando meus caminhos e permitindo que eu chegasse até aqui, superando desafios e aprendendo a cada etapa.

Aos meus pais, Ednalva Reginalda da Conceição e Josenilson Nery Santos, deixo minha eterna gratidão por todo amor, apoio, incentivo e pelos ensinamentos que foram fundamentais para a construção de quem sou hoje. Vocês são minha base e minha maior inspiração.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Estância, à Secretaria de Cultura de Estância e à Biblioteca Pública Municipal Monsenhor Silveira, pelo acolhimento, colaboração e por proporcionarem o suporte necessário para a realização desta pesquisa.

Ao meu amigo e professor José Marcelo Araujo Santos, agradeço pela amizade, pelas contribuições, pelo incentivo constante e por compartilhar seus conhecimentos de forma tão generosa.

À minha orientadora, Janaina Cardoso de Mello, expresso minha profunda gratidão pela paciência, dedicação, orientação e por acreditar em meu potencial, conduzindo este trabalho com compromisso e sensibilidade.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, o meu muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ser minha fonte de força, fé e perseverança em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Ednalva Reginalda da Conceição e Josenilson Nery Santos, que são meu alicerce, meu exemplo de amor, coragem e determinação. Tudo o que sou e conquistei devo a vocês.

Dedico também a todos que acreditaram em mim, que me incentivaram a não desistir diante das dificuldades e que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Este trabalho é a prova de que, com esforço, apoio e fé, é possível chegar mais longe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ESTÂNCIA NA HISTÓRIA DE SERGIPE: ORIGEM E TRANSFORMAÇÃO	12
2.1. Estância na Cultura Sergipana	17
2.1.2. A cultura imaterial e material em Estância.....	17
2.2. A tradição do barco de fogo.....	23
3. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO BARCO DE FOGO: IMAGEM E REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	26
3.1. A imagética institucional sobre o Barco de Fogo de Estância.....	27
3.2. Análise da produção institucional de identidade e memória em Estância.....	44
4. ENSINANDO A HISTÓRIA DE ESTÂNCIA COM O BARCO DE FOGO.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

As festas juninas integram a vida social brasileira desde o período colonial, quando elementos da cultura europeia se entrelaçaram às tradições indígenas e africanas, dando origem a uma identidade cultural marcada pela diversidade e pluralidade (Margotta, 2023). Com o passar dos séculos, cada região do país desenvolveu práticas próprias, consolidando vínculos de pertencimento e fortalecendo identidades locais. No Nordeste, essas celebrações assumem papel central no calendário festivo.

Quando falamos de Sergipe, pode-se pensar *a priori* em municípios como Estância e Lagarto onde as festas são diferenciadas devido à tradição da produção artesanal de fogos de artifício, como o buscapé, a espada e o Barco de Fogo. Este último, foi criado e desenvolvido na cidade de Estância, encantando moradores e visitantes com seu espetáculo de luzes, sons e movimentos. Hoje, é reconhecido como Patrimônio Imaterial do povo sergipano pela Lei Estadual nº 7.690/2013 (Alese, 2013), simbolizando não apenas a identidade estanciana e sergipana, representando o São João do Estado, mas ajudando a movimentar a economia local.

Apesar da relevância cultural e simbólica dessas manifestações, observa-se que a historiografia sergipana ainda dedica atenção limitada às festas juninas como objeto de investigação histórica. Tais práticas populares, não são somente “folclóricas”, mas revelam processos complexos de significação, disputa de representações e reafirmação da identidade.

Dentre os trabalhos acadêmicos que falam do Barco de Fogo em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, há na Sociologia, a dissertação de Priscila Santos Silva (2011), intitulada “(Não) vai dar Chabu! A festa do fogo no São João de Estância-SE”, que analisa a festa do fogo como manifestação popular e identitária, discutindo os significados atribuídos ao Barco de Fogo e aos fogos de artifício. Além disso, a autora destaca os impactos sociais, econômicos e turísticos da tradição, além de refletir sobre os conflitos e transformações que marcaram sua trajetória.

Do campo da Geografia a dissertação de mestrado de Luan Lacerda Ramos (2018) intitulada “Materialidades e simbolismos do Barco-de-fogo em Estância/SE”, investiga a produção do Barco de Fogo como prática tradicional que singulariza o município. Seu estudo enfoca as territorialidades dos fogueteiros do bairro Porto D’Areia, onde iniciou a produção do Barco de Fogo, revelando os sentidos culturais, sociais e econômicos atribuídos à capacidade de execução desses artesãos, com o objetivo de descobrir as materialidades e significados para os produtores.

Já na área da Educação, há a dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Ivoneide Cardeal da Silva (2022). Sua pesquisa sobre a EJA, com o título de “Do chão da escola à casa do professor: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a prática pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância-Sergipe”, foi feita na Escola Municipal Senador Júlio César Leite, em Estância. Ela propõe uma reflexão entre o currículo prescrito e o vivido, valorizando a identidade cultural estanciana como elemento formativo. No final, ela propõe ciclos formativos e a criação de um almanaque coletivo, chamado de “A EJA na Capital Brasileira do Barco de Fogo”, reforçando o papel da tradição junina como ferramenta pedagógica e de valorização da memória local.

Na História, especificamente no Ensino de História (ProfHistória/UFS), destaca-se a dissertação de José Marcelo Araujo Santos (2024). Nela, o autor une memória, identidade e educação, ao propor a inserção do Barco de Fogo no ensino formal. A partir de autores como Pierre Nora e Maurice Halbwachs, o estudo propõe a criação de um álbum de figurinhas como recurso educacional aberto, construído coletivamente por professores e alunos, o qual pode ser tratado de tradição, produção artística, cultura e identidade.

Diante desse panorama, o trabalho tem como objetivo geral investigar a construção histórico-imagética do Barco de Fogo em Estância, no intervalo de 2016 a 2025, com foco nas formas de divulgação e representação promovidas por órgãos governamentais estaduais e municipais, além de artistas e a própria população. Ademais, a pesquisa buscou compreender quais elementos da cultura estanciana são enfatizados, repetidos ou silenciados nos materiais oficiais e não oficiais, bem como são representados visualmente e de que modo essas imagens contribuem para a manutenção, transformação, da identidade cultural local.

Ainda como objetivos específicos, pretendeu-se contextualizar a história e o patrimônio cultural de Estância; identificar os elementos culturais de Estância presentes no material de divulgação do Barco de Fogo e elaborar um recurso didático que reflita a identidade cultural estanciana vinculada ao Barco de Fogo.

O estudo foi orientado pelas seguintes perguntas: quais aspectos da cultura estanciana são destacados nos materiais institucionais e populares ao longo dos anos? Há recorrência ou ausência de determinados elementos? Quais ganham maior visibilidade? Como a visualidade atribuída ao Barco de Fogo pelos gestores públicos retrata a cultura local na última década? E, sobretudo, qual o papel dessas representações na preservação da identidade junto à população?

A escolha por investigar o Barco de Fogo partiu de uma motivação que combina vivência pessoal e inquietação acadêmica. Crescer em Estância significa, para muitos,

acompanhar de perto uma celebração que não se limita ao espetáculo visual: ela pulsa como expressão de pertencimento, memória e identidade local. O Barco de Fogo, reconhecido oficialmente como patrimônio cultural imaterial do Estado de Sergipe, é mais do que um artefato festivo, é símbolo de uma tradição que atravessa gerações e resiste às transformações do tempo.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo se justifica por uma lacuna evidente: há uma carência de abordagens que associem história cultural e análise imagética no contexto das manifestações culturais sergipanas. Embora existam pesquisas sobre o Barco de Fogo em áreas como Sociologia, Geografia, Educação e Ensino em História, como dito anteriormente, ainda são raras as investigações que tratam a imagem como fonte histórica e como instrumento de construção simbólica.

Socialmente, o trabalho apresenta relevância ao documentar e refletir sobre uma herança que, embora protegida por legislação específica, enfrenta tensões contemporâneas, a exemplo dos desafios impostos pela modernização, pelas normas de segurança pública e pelos processos de patrimonialização. Ao revelar como diferentes atores (governo, mídia, comunidade e instituições culturais) constroem e difundem imagens do Barco de Fogo, o estudo fortalece a valorização das manifestações populares e contribui para a preservação ativa do patrimônio imaterial brasileiro.

No âmbito teórico, adota-se de forma mais específica a perspectiva de Pollak (1992), para quem a identidade é construída de maneira gradual, resultado de um investimento contínuo. Ela se desenvolve por meio das ações, das relações sociais e das experiências coletivas. Assim, a identidade não emerge de forma espontânea: é cultivada, reforçada e transformada ao longo do tempo, produzindo um sentimento de unidade, continuidade e coerência entre o indivíduo e o grupo ao qual pertence.

Em diálogo com essa perspectiva, o conceito de “memória institucional” permite compreender como determinadas imagens ganham legitimidade e se tornam referências culturais. Assim, Costa (1997) afirma que as instituições usam da memória para manter sua legitimidade e até se promover perante à sociedade, já que elas escolhem o que lembrar e o que esquecer. Dessa maneira, quando certas entidades destacam alguns fatos, símbolos e tradições, elas constroem uma imagem positiva sobre si mesma. Em diálogo com essa perspectiva, o conceito de “memória institucional” permite compreender como determinadas imagens ganham legitimidade e se tornam referências culturais.

A pesquisa seguiu uma metodologia de natureza qualitativa, com foco interpretativo das fontes disponíveis, aliando a uma abordagem exploratória-descritiva aplicado a fenômenos

recentes ou ainda pouco explorados em profundidade, combinando a flexibilidade da investigação e uma descrição minuciosa de características e comportamentos.

Para analisar os textos será a Análise de Conteúdo (AC), explicada no capítulo Análise de Conteúdo e Análise de Discurso na pesquisa em ensino de História por Flávia Caimi e Letícia Mistura (2021) do livro Ensino de História e suas práticas de pesquisa. De acordo com as autoras, a AC é uma técnica que ajuda a entender não só o que está escrito nos textos, mas também o que está por trás das palavras, como ideias, valores, crenças e intenções.

Sobre a imagética, Antônio Vicente Pietroforte (2008) diz que o entendimento da análise de fotografia, ou o registro audiovisual, não deve ser compreendido apenas como documento, mas como um objeto cultural provido de significação. Dessa forma, utilizarei a iconologia, que Pietroforte (2008) afirma que há uma articulação entre categorias plásticas, ou seja, a composição e os elementos visuais de uma obra imagética como a cor, linha, textura, forma, volume, e a semântica, que se refere à interpretação ou significado dos elementos da imagem.

Portanto, essa pesquisa trata de não apenas preencher uma lacuna teórica na História, mas também propõe caminhos práticos para o reconhecimento e a continuidade de uma tradição viva. Assim, seu impacto se estende à comunidade científica, ao campo das políticas culturais e, sobretudo, à população estanciana, que encontra no Barco de Fogo um espelho de sua própria história.

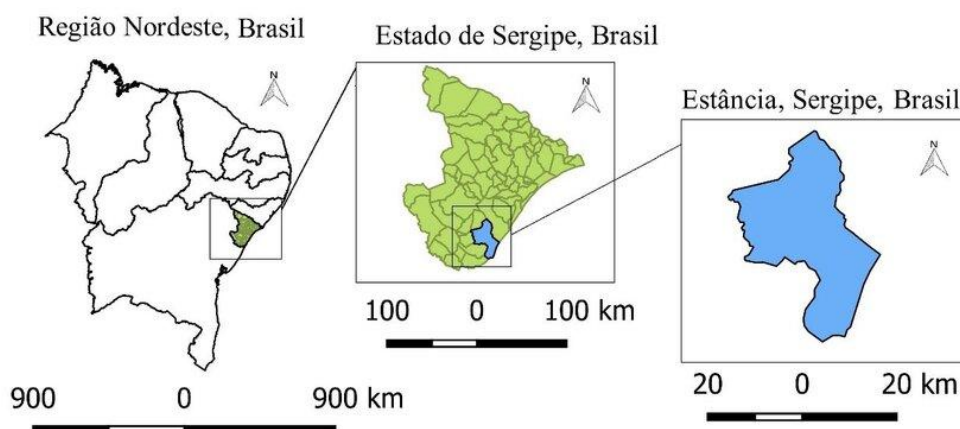
2 ESTÂNCIA NA HISTÓRIA DE SERGIPE: ORIGEM E TRANSFORMAÇÃO

O estudo da história local constitui importante instrumento para a compreensão dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais que moldam a identidade de uma comunidade. Nesse sentido, o município de Estância, localizado no litoral sul do estado de Sergipe, apresenta uma trajetória histórica marcada por aspectos singulares que refletem tanto a colonização portuguesa quanto as transformações ocorridas no Brasil ao longo dos séculos.

O município de Estância (popularmente conhecido como cidade jardim), localizado na região Sul do estado de Sergipe, apresenta tradições singulares nos seus festejos juninos e é lugar de destaque por sua produção de fogos juninos e pela cultura do barco de fogo (Gomes, 2017, pág. 05).

Fundada oficialmente no século XIX, mas ocupada desde o período colonial, Estância destacou-se historicamente por sua atividade agrícola, pela produção açucareira, pelo comércio e, sobretudo, por seu papel cultural no estado, sendo conhecida como o “Berço da Cultura Sergipana”. Suas manifestações populares, tradições religiosas e participação política contribuíram significativamente para o desenvolvimento regional.

Figura 1: Localização geográfica do município de Estância, SE



Fonte: Silva *et al.*, 2023, p. 4.

No que diz respeito à história sergipana, estudos de Nunes (2006, pag. 07) enfatizou que o desenvolvimento do estado esteve diretamente ligado à economia açucareira, à estrutura fundiária e à utilização da mão de obra escravizada, aspectos que também se refletem na formação histórica de Estância.

A formação histórica do município de Estância advém do processo de ocupação colonial do território sergipano, iniciado a partir do século XVI. Antes da chegada dos

colonizadores portugueses, a região era habitada por povos indígenas, principalmente do tronco tupi, que utilizavam os recursos naturais para sua subsistência. Com a expansão da colonização portuguesa pelo litoral nordestino, esses grupos foram progressivamente deslocados ou submetidos ao domínio colonial.

Nesse contexto, Estância desenvolveu-se como um importante núcleo agrícola da região sul de Sergipe. A presença de engenhos e propriedades rurais favoreceu o crescimento populacional e a organização de um núcleo urbano, ainda que de forma incipiente. Conforme Nunes (2006, pág. 09), a economia açucareira não apenas estruturou a base econômica, mas também influenciou profundamente as relações sociais e políticas locais.

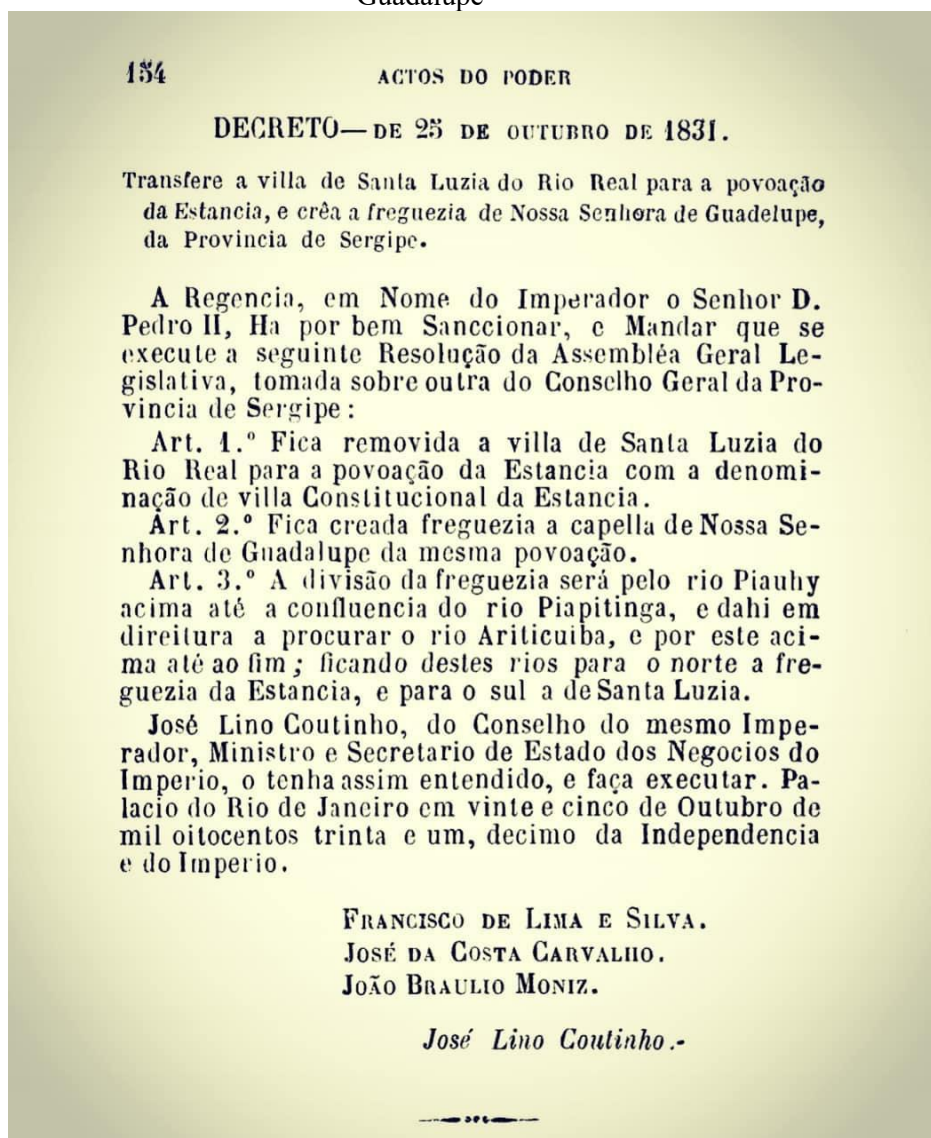
Figura 2: Censo demográfico de Estância (1872-2022)



Fonte: IBGE In: Memória de Estância, 2026.

O crescimento econômico e populacional (fg. 2) contribuiu para que Estância fosse elevada à categoria de vila em 1831, desmembrando-se do município de Santa Luzia do Itanhy. Esse processo representou um marco significativo em sua história, pois garantiu maior autonomia administrativa e política.

Figura 3: Decreto de criação da Vila Constitucional da Estância e da Freguesia de N. S. de Guadalupe



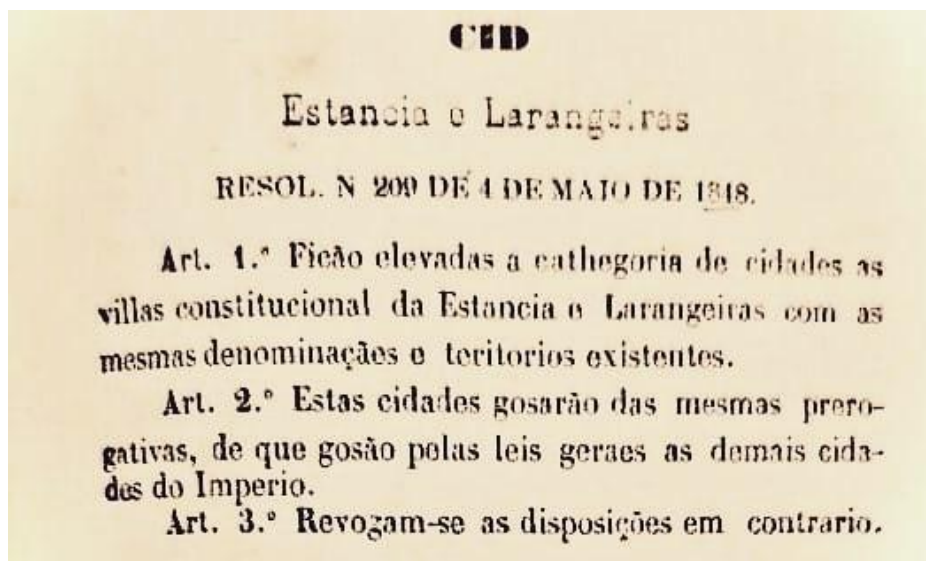
Fonte: Decreto de 25 de outubro de 1831 In: Collecção das leis do Império do Brazil de 1831. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, v.1, 1873, p. 154.

Após um longo processo administrativo, que envolveu muitas trocas de correspondências entre as autoridades coloniais e o rei de Portugal ao longo do século XVIII, a povoação da Estância foi finalmente elevada à categoria de vila, tornando-se independente de Santa Luzia do Itanhy. Nesse mesmo contexto, foi criada também a Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe (fig. 3).

A elevação à vila também contribuiu para a intensificação da vida urbana, com o surgimento de novas edificações públicas, maior organização do espaço urbano e ampliação das atividades comerciais.

Em 4 de maio de 1848, o presidente da Província de Sergipe, Zacarias de Góis e Vasconcelos, considerando o expressivo desenvolvimento comercial, cultural e social da então Villa Constitucional da Estância, decidiu elevá-la à categoria de cidade.

Figura 4: Documento de elevação de Estância à cidade (1848)



Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), Biblioteca “José Alves”, v. 01. Coleção Leis e Decretos (LDS), 1835-1880, p. 235.

Esse processo refletia não apenas o crescimento econômico, mas também a estabilidade administrativa alcançada pelo município. De acordo com Nunes (2006), a elevação à categoria de cidade simbolizava o reconhecimento oficial da importância econômica, política e social da localidade no contexto provincial.

Nesse período, a sociedade estanciana estruturava-se de forma hierarquizada, com grandes proprietários de terras no topo da pirâmide social, enquanto escravizados e trabalhadores livres pobres ocupavam posições marginalizadas. A Igreja Católica exerceu forte influência na organização social e cultural, sendo responsável por festas religiosas e pela educação básica.

Além de organizar festas religiosas e rituais, a Igreja contribuiu para a formação de valores morais e para a integração social da comunidade. Segundo Nunes (2006), as instituições religiosas eram responsáveis por regular parte significativa da vida social nas vilas e cidades sergipanas durante o período colonial e imperial (Nunes, 2006, p. 112).

De acordo com (Ramos, 2018, pág 18), o município de Estância também possui Igrejas que marcam a história de seu desenvolvimento. Nas proximidades do bairro Porto D’Areia, precisamente na praça Orlando Gomes dos Santos, o Santuário de Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1772, constituiu um importante marco que potencializou o crescimento e o

surgimento do bairro Porto D'Areia. O nome do bairro, como é de se notar, é oriundo da construção de um Porto às margens do Rio Piauí que, segundo relatos dos moradores, servia como canal de escoamento de produtos e de transporte que conectava Estância à São Cristóvão e Aracaju.

Com o declínio gradual da economia açucareira, especialmente a partir do final do século XIX, Estância passou por um processo de diversificação econômica. O município ampliou suas atividades comerciais e passou a desenvolver setores como o comércio urbano, pequenas indústrias e, posteriormente, o setor de serviços.

Além dos aspectos econômicos e políticos, a formação histórica de Estância também se destaca por sua relevância cultural. Ao longo do tempo, o município tornou-se referência na preservação de manifestações populares, religiosas e culturais.

A religiosidade ocupa papel importante na cultura estanciana, na arquitetura central da cidade (fig. 5) e nas celebrações. As festas religiosas, como as celebrações em homenagem a Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do município, articulam elementos da fé católica com práticas culturais tradicionais, promovendo a integração entre o sagrado e o profano.

Figura 5: Visão da Rua Cap. Salomão com a lateral da Igreja ao fundo



Fonte: Memórias de Estância, s/d.

Dessa forma, a formação histórica de Estância resulta da combinação entre fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, que contribuíram para a construção de sua identidade e para sua importância no contexto sergipano.

2.1. Estância na Cultura Sergipana

2.1.2. A cultura imaterial e material em Estância

Um dos aspectos mais marcantes da história de Estância é sua contribuição cultural. O município é amplamente reconhecido por suas manifestações populares, como os festejos juninos, os grupos culturais e as celebrações religiosas.

Entre as principais expressões culturais do município, destacam-se os festejos juninos, considerados um dos maiores símbolos da identidade cultural estanciana. As celebrações de São João, São Pedro e Santo Antônio mobilizam a população local e atraem visitantes de diversas regiões, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização das tradições populares.

Conforme apontou a pesquisa de José Marcelo Araújo Santos (2025, p. 50) as festas articulam-se a temporalidades específicas, marcadas por períodos e ciclos. O São João, entendido aqui como uma celebração cíclica e reiterada, renova-se continuamente para preservar a tradição e expressar as visões de mundo do grupo que a produz. Por sua vinculação ao tempo, a festa também se relaciona ao espaço, pois cada manifestação ocorre em um lugar socialmente significado. No caso do São João, observam-se dois contextos distintos: o ambiente doméstico, associado a valores, afetos e interações familiares, e o espaço público, caracterizado por práticas coletivas como acender fogueiras, dançar quadrilha e participar de guerras de buscapé. A escolha do local festivo, portanto, não é aleatória, mas orientada pelos sentidos atribuídos ao espaço, que pode ser fixo ou móvel, já que sua configuração envolve negociações, permanências e mudanças.

Quadro 1: Festas e celebrações em Estância (Mapeamento do IPHAN)

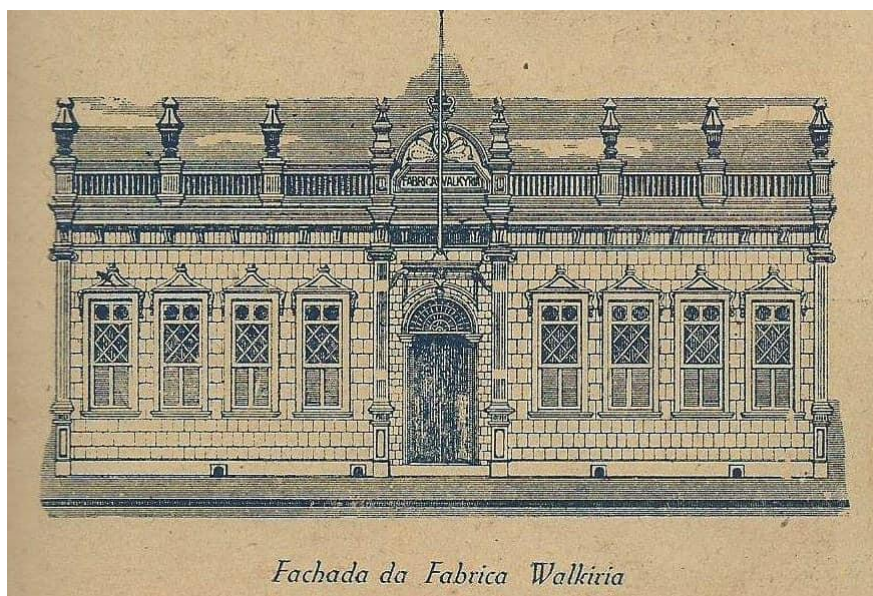
Festas e Celebrações	Descrição
Festa da Padroeira Nossa Senhora de Guadalupe	Acontece entre os dias 03 a 12 de dezembro
Escolas de samba durante o Carnaval	Desfiles das escolas de samba Mangueira, Acadêmicos do Porto, Imperatriz da Cidade, Império do Samba e Amantes do Samba. E de 18 blocos carnavalescos.
Salva junina	Abertura dos festejos juninos, que começam no 31 de maio e vão até o último dia de junho. Recebe esse nome devido à salva de fogos que ocorre junto ao hasteamento da bandeira.
Festa do dia 13 de junho	Acontece na Avenida Getúlio Vargas, conhecida como Rua Nova, espetáculo de luzes e cores onde as pessoas se reúnem para soltar espadas e busca-pés.
Festa dos Fogueteiros	Ocorre nos dias 06 e 07 de junho e serve como forma de aproximação e descontração entre todos os fogueteiros de Estância.
Batucadas	Associado ao ciclo do fogo, o festejo ganha expressão particular na trajetória de Josefa Maria Santos de Assunção, conhecida como Dona Zefinha da Batucada. Ex-quadrilheira, ela fundou há 35 anos o grupo de batucada

	Buscapé, cujo nome homenageia seu filho fogueteiro. Composto por 32 integrantes, o Buscapé consolidou-se como uma das formações mais antigas e tradicionais da cidade.
Quadrilhas juninas	No período de São João, Estância conta com ao menos três grupos de quadrilha. Suas apresentações ocorrem ao longo das festividades juninas, integrando-se às batucadas e aos demais grupos de dança popular que compõem o ciclo festivo.
Barco de Fogo	A estrutura do barco é confeccionada em papel ou fibra de vidro, remetendo a pequenas embarcações, como barcos ou jangadas, ornamentadas com cordões decorativos e bandeirolas de papel que enriquecem seu aspecto visual. Um elemento fundamental dessa composição são as espadas de fogo, cuja combustão impulsiona o movimento do barco.
Reisado	Expressão popular ainda preservada na cidade. Entre os grupos existentes, destaca-se o Reisado Sete Estrelinhas, coordenado por Benigna, além do reisado das “mulatinhas dengosas”, localizado no conjunto Santo Antônio, no bairro Cidade Nova. Em depoimentos, também são mencionadas Dona Zefinha e Dona Elizabete, responsáveis pelo grupo “Cangaceiro Mirim”.

Fonte: Nascimento; Carvalho, 2019, p. 778-779.

No que diz respeito ao patrimônio cultural material, Estância é uma cidade que ainda conserva diversos casarios em estilos arquitetônicos ecléticos.

Figura 6: Fábrica de Charutos Walkíria



Fonte: Cartão Postal, s/d

A criação da Fábrica de Charutos Walquíria (fig. 6), em 1916, ampliou significativamente as relações comerciais de Estância com o exterior, dada a forte aceitação de seus produtos no mercado internacional. A expansão do setor têxtil no município intensificou-se a partir da década de 1930, com a instalação da Fábrica de Tecidos Piauitinga. Nesse contexto de industrialização, registrou-se em 1934 a primeira greve operária em Estância e, em 1937, a fundação do primeiro sindicato dos trabalhadores das fábricas têxteis (Santos, 2020).

O Mercado Municipal (fig. 7), conhecido como Mercado da Farinha, foi construído em 1941 durante a administração de Leopoldo Souza, pai de Raimundo Silveira Souza (Sr. Raimundinho). um espaço fundamental para o comércio cotidiano, reunindo pequenos produtores, feirantes e consumidores. Ele integra um dos setores mais fortes da cidade, que historicamente se destaca pelo dinamismo comercial e pela circulação de mercadorias. Estância, inclusive, é reconhecida como um dos maiores polos comerciais do estado, o que reforça o papel estratégico do mercado na economia urbana.

Figura 7: Mercado Municipal de Estância

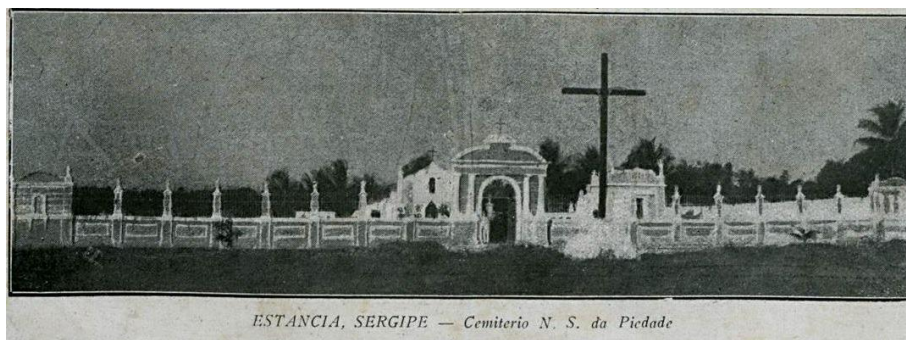


Fonte: Acervo Família Souza, s/d.

Além de funcionar como espaço de comercialização, o mercado desempenha um papel central na sociabilidade local, constituindo-se como ponto de encontro onde moradores conversam, tomam café e participam de práticas culturais que também atraem visitantes. Essa dimensão social e turística é reconhecida pelo poder público, que identifica no mercado um potencial para ampliar o fluxo de visitantes e fortalecer as tradições regionais.

O Cemitério Nossa Senhora da Piedade (fig. 8) possui um papel histórico significativo para o município de Estância, tanto pela sua antiguidade quanto pelo que representa na memória coletiva da cidade.

Figura 8: Cemitério Nossa Senhora da Piedade



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1922, p. 2.

O cemitério integra o processo de modernização urbana ocorrido entre o final do século XIX e início do XX, quando as cidades brasileiras passaram a transferir os enterramentos dos adros das igrejas para espaços específicos, seguindo novas normas sanitárias. Assim, sua criação simboliza uma mudança nas práticas funerárias e na gestão pública da cidade. Dedicado a Nossa Senhora da Piedade, o cemitério também possui relevância espiritual, sendo associado a práticas devocionais e rituais que reforçam a identidade religiosa local.

O local abriga túmulos de famílias tradicionais, figuras políticas, religiosas e personalidades que contribuíram para a formação histórica de Estância. Por isso, funciona como um repositório de memória, permitindo compreender trajetórias individuais e coletivas.

O cemitério reúne exemplares de arte funerária que refletem estilos arquitetônicos de diferentes períodos, como mausoléus, esculturas e ornamentos que expressam valores estéticos e religiosos da sociedade estanciana ao longo do tempo.

Por conservar registros materiais e simbólicos, o cemitério é um importante objeto de estudo para pesquisadores interessados em história urbana, cultura material, religiosidade, genealogia e transformações sociais.

Figura 9: Casarão da família de Sr. Oscar Faria.



Fonte: Acervo Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Sergipe, s/d.

O casarão (fig. 9) pertence à família de Oscar Faria e, atualmente, seu proprietário é o neto, conhecido como Oscarzinho. O antigo Oscar era sogro de Raimundo Juliano. Na década de 1970, a parte frontal do imóvel abrigou o laboratório Lacel, de propriedade de João Amor, localizado na terceira porta junto às três janelas principais. As demais entradas eram ocupadas por um escritório e pela residência da família Faria. A fotografia refere-se ao período

aproximado de 1950 a 1960. O casarão possui parte da fachada ornamentada por azulejos que são uma marca da cultura lusitana em Estância.

Figura 10: Distintos padrões da cultura azulejar em edificações de Estância



Fonte: Memórias de Estância, s/d.

Os azulejos históricos de Estância (fig. 10) constituem um valioso acervo patrimonial, amplamente empregado nos séculos XVIII e XIX tanto na ornamentação quanto na proteção das fachadas de casas térreas e sobrados. Embora reconhecido oficialmente por seu interesse histórico e artístico, parte desse conjunto encontra-se em acelerado processo de deterioração. De origem portuguesa, o acervo reúne mais de vinte padrões decorativos identificados durante a pesquisa, alguns também presentes em cidades como Belém e São Luís. As embarcações vindas de Portugal desembarcavam esses materiais inicialmente no Norte e, ao seguir em direção à Bahia, deixavam parte da carga em Estância, cujo porto era a última parada antes de Salvador. Apesar de sua relevância histórica e da singularidade dos exemplares, o patrimônio azulejar enfrenta desafios persistentes, como degradação física, vandalismo e a limitada conscientização da comunidade local sobre seu valor cultural (Cruz, 2024).

Os revestimentos azulejares presentes nas edificações exibem uma ampla variedade de padrões, diferenciando-se em cores, motivos decorativos, dimensões e formatos. A maior parte das peças apresenta figuras isoladas ou agrupadas, predominando os temas florais. Muitas composições resultam da junção de quatro azulejos idênticos, sendo que, em alguns casos, são necessárias quatro ou mais unidades para formar o desenho completo. As cores mais recorrentes são azul, roxo e verde, embora o amarelo também apareça em algumas fachadas dos casarios urbanos (Nascimento; Carvalho, 2019, p. 781).

Além das edificações, é importante salientar o papel das praças que foram elementos centrais no processo de organização espacial da cidade, especialmente entre os séculos XIX e

XX. Em torno delas se instalaram igrejas, prédios administrativos, comércios e residências importantes, estruturando o traçado urbano e definindo centralidades.

Também funcionam como pontos de encontro, onde moradores se reúnem para conversar, descansar, participar de atividades culturais ou simplesmente observar o movimento cotidiano. Elas reforçam vínculos comunitários e contribuem para a vida pública da cidade.

Figura 11: Praça Barão do Rio Branco (1959-1963)



Fonte: Acervo Selma Barreto, s/d.

Formado pelos jardins Dom Coutinho, Monsenhor Vitorino e Dom Pedro II, o conjunto paisagístico abriga casarios históricos e a Catedral Diocesana. A construção da ermida dedicada à Virgem Indígena, situada na atual Praça Barão do Rio Branco (fig. 11), foi proposta por Mércia Cardoso, esposa de Pedro Homem da Costa, e acabou se tornando o marco zero da cidade, o ponto inaugural da “estancianidade”. Além de seu valor histórico e simbólico, o local é palco de importantes manifestações culturais, como os festejos juninos (Soares, 2023).

Por Estância ser marcada por forte tradição festiva, especialmente no ciclo junino, muitas dessas celebrações utilizam as praças como palco. Quadrilhas, batucadas, cortejos, apresentações musicais e eventos religiosos frequentemente ocupam esses espaços, que se tornam parte ativa da identidade cultural local.

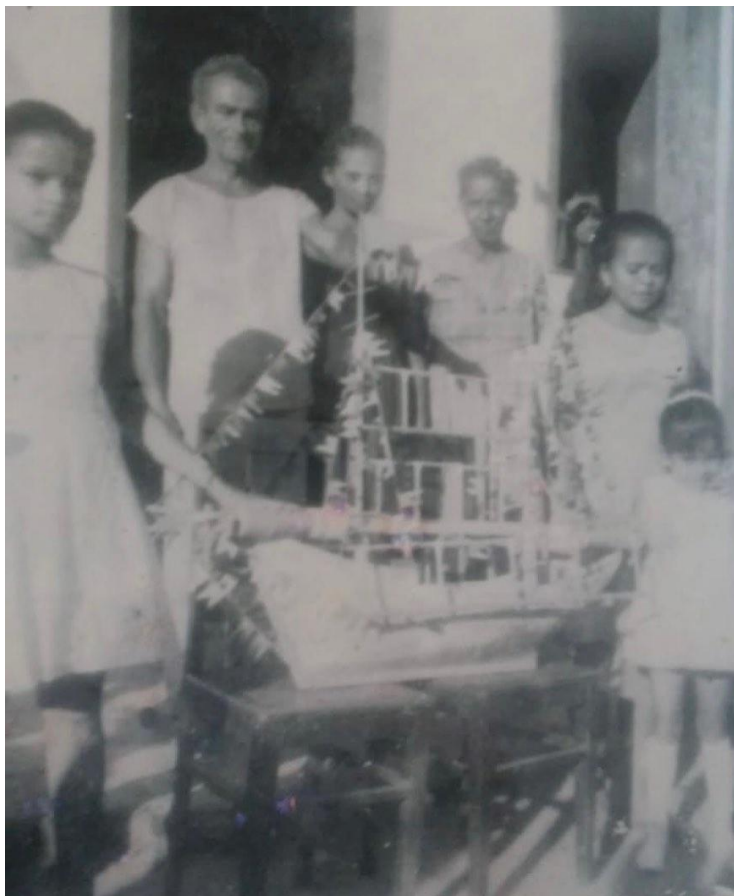
2.2. A tradição do barco de fogo

Quando o cheiro de pólvora e o estrondo dos fogos dominam o ambiente, um dos elementos mais aguardados das festas juninas de Estância (SE) se destaca pela singularidade e pela força da tradição: o Barco de Fogo.

O Barco de Fogo, manifestação característica do ciclo junino em Estância, remonta ao início do século XX. Sua criação é atribuída a Antônio Francisco da Silva Cardoso, conhecido

como “Chico Surdo”, morador do bairro Botequim, local reconhecido como o berço dessa tradição (Nascimento; Carvalho, 2019, p. 779).

Figura 12: “Chico Surdo” e família apresentando o barco de fogo por ele criado.



Fonte: Acervo Selma Barreto, s/d.

Na fotografia, observa-se o fogueteiro Francisco da Silva Cardoso, o Chico Surdo, acompanhado de familiares e de um Barco de Fogo, certamente preparado para iluminar o céu estanciano.

[...] o barco de fogo se torna símbolo da cidade de Estância, uma vez que nas festas juninas o município se diferencia dos demais a partir de uma construção identitária que busca unir e representar a cidade por meio da festa. Assim, através da memória coletiva da história da festa, o barco de fogo é classificado como artefato cultural diferenciador de outros contextos festivos semelhantes (Santos, 2025, p. 32).

Reconhecido como patrimônio cultural imaterial por meio de legislações municipais (Lei 1.474/2010) e estaduais (Lei 7.690/2013), o Barco de Fogo consolidou-se como símbolo identitário de Estância. Esse reconhecimento foi ampliado em âmbito estadual e nacional, distinguindo o município como capital sergipana (Lei 8.650/2020) e brasileira (Projeto de Lei 2.787/2021) do Barco de Fogo (Santos, 2025, p. 33).

A relevância da manifestação é tamanha que, desde 2011, o dia 11 de junho foi instituído como o Dia Estadual do Barco de Fogo, conforme a Lei nº 7.301/2011. Trata-se, portanto, de mais que uma simples data comemorativa: é o reconhecimento formal da singularidade dessa tradição.

Ramos (2018) observa que, no final da década de 1930, o Barco de Fogo ainda não apresentava a forma atual; seu formato foi sendo construído gradualmente. Chico Surdo iniciou o processo acoplando duas espadas e algumas “chuvinhas” a uma ripa de madeira, cuja combustão gerava a propulsão do artefato, além de produzir efeitos visuais, sonoros e olfativos característicos.

Figura 13: Barco de Fogo de Estância em ação



Fonte: Dias, 2014.

Com cerca de um metro de comprimento, o Barco de Fogo é confeccionado em papel colorido e preenchido com pólvora. A estrutura é fixada a um cabo de aço sustentado por dois suportes de madeira, sendo instalada a uma altura considerável. É nesse percurso elevado que o artefato cruza o céu em alta velocidade (fig. 13), encantando, ano após ano, sergipanos e visitantes (Dias, 2014).

Figura 14: Barco de Fogo de Estância em ação (2)

Fonte: Atribuna Cultural, 2018.

Há cerca de quatro décadas, os fogos de artifício ocupam posição de destaque no São João de Estância, tornando-se também uma referência no cenário cultural brasileiro. Para compreender sua produção e uso nas festividades juninas, especialmente no espaço público, costuma-se organizar essa trajetória em cinco períodos históricos: (a) 1900 a 1913, quando surgem os primeiros registros das celebrações; (b) 1914 a 1948, fase marcada pela suspensão das brincadeiras com fogos; (c) 1949 a 1974, período de retomada, com destaque para o Barco de Fogo; (d) 1975 a 2000, quando o poder público passa a organizar a festa; e (e) de 2001 até a atualidade, caracterizado pela modernização dos processos de produção e pela consolidação de uma identidade festiva própria (Silva, 2016, p. 6).

Desse modo,

Estância, é uma cidade da região Sul de Sergipe, distante 68 km de Aracaju. Há alguns anos, o município foi carinhosamente batizado de “capital brasileira do barco de fogo”. Isso porque há mais de 106 anos, o barco movido por um fio de aço e pela força de espadas de fogo, alegria e ilumina ruas estancianas, enriquecendo o ciclo junino do Estado, e mantendo viva uma tradição secular (Dias, 2014).

Anualmente, realiza-se o concurso do Barco de Fogo, cuja data passou a integrar o calendário oficial do município após a promulgação da Lei Municipal nº 2.273/2022, que determina sua realização no último sábado de junho. Organizado pela Prefeitura de Estância, o certame adota cinco critérios de avaliação: criatividade (temática do barco), luminosidade (efeitos produzidos pelas espadas e chuveiros), partida de ida, partida de volta e beleza (ornamentação, brilho e desempenho na corrida). Contudo, o regulamento estabelece que o barco deve completar todo o percurso; caso não conclua a ida ou a volta, é automaticamente desclassificado (Santos, 2025, p. 35-36).

3. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO BARCO DE FOGO: IMAGEM E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Sendo a proposta desse estudo em analisar o Barco de Fogo de Estância (SE) através da construção histórico-imagético, entre os anos de 2016 e 2025, o referencial teórico foi articulado em três estruturas: a “memória institucional”, ou seja, as representações visuais que são produzidas por órgãos públicos, a “representação social” compreendendo como as imagens são planejadas e comunicadas, a possibilidade da formação da “identidade” através da imagética difundida e o ideário de “patrimônio cultural” que se consolida a partir das escolhas realizadas.

A pesquisa apreende como as entidades governamentais e não governamentais, em suas campanhas, cartazes, vídeos e postagens institucionais, constroem narrativas sobre esse costume e, conseqüentemente, sobre a cultura estanciana. Assim apresenta-se a importância de investigar quais elementos são destacados, quais são silenciados e como essas escolhas visuais influenciam a opinião pública desse legado.

Além disso, as representações visuais do Barco de Fogo, em cartazes, vídeos, postagens e materiais turísticos, comunicam e performam sentidos, não apenas reforçando vínculos identitários, mas também delimitando o que é considerado patrimônio por instituições e gestões públicas. Porém, Costa (1997) alerta que, como vivemos em um momento de maior pressão por transparência, não é possível manipular totalmente essa memória em segredo, ocasionando possíveis contestações e questionamentos da sociedade.

3.1. A imagética institucional sobre o Barco de Fogo de Estância

Os cartazes anuais do São João de Estância constituem importantes documentos culturais, pois registram visualmente as transformações históricas da festa, revelando mudanças estéticas, simbólicas e institucionais ao longo do tempo. Cada edição sintetiza elementos que marcam o período em que foi produzida, desde estilos gráficos e escolhas cromáticas até a forma como o Barco de Fogo, os fogos de artifício e outros símbolos locais são representados. Dessa maneira, os cartazes funcionam como fontes que permitem acompanhar a evolução da celebração, bem como a atuação do poder público, dos patrocinadores e das dinâmicas socioculturais que moldam o evento. Ao mesmo tempo, reforçam a identidade estanciana ao destacar ícones reconhecidos pela comunidade,

projetando-os para além do território local e contribuindo para a consolidação da imagem da cidade como referência junina.

Além de sua função informativa, esses cartazes desempenham um papel central na construção da memória coletiva, pois evocam lembranças afetivas e experiências compartilhadas por moradores e visitantes, transformando práticas efêmeras em representações duradouras. Ao fixarem visualmente elementos do patrimônio imaterial, como o Barco de Fogo, as quadrilhas, as bandeirolas e a estética festiva, eles colaboram para a salvaguarda das tradições e para a continuidade das narrativas que estruturam o sentimento de pertencimento local. Também atuam como instrumentos de difusão cultural e promoção turística, ampliando a visibilidade do São João e fortalecendo a economia e a projeção simbólica de Estância. Assim, os cartazes não apenas divulgam a festa, mas participam ativamente da produção, preservação e atualização da identidade cultural estanciana.

Figura 15: Cartaz de divulgação do São João de Estância (2016)



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem apresenta um cartaz promocional do São João de Estância (2016), marcado por uma estética vibrante e pela presença de elementos característicos das festas juninas. O fundo é composto por manchas e pinceladas multicoloridas, evocando a textura de uma pintura em tela. Predominam tons de amarelo, azul, vermelho, verde e laranja, que conferem dinamismo e intensidade à composição, organizada de forma assimétrica e artística.

No lado esquerdo, destaca-se uma igreja estilizada, com fachada em nuances de amarelo e laranja, portas e janelas em azul escuro e uma torre encimada por uma cruz, remetendo à arquitetura colonial nordestina. Espalhados pela imagem, diversos fogos de artifício surgem em formas circulares e radiais, nas cores vermelho, azul, amarelo, verde e branco, alguns representados por pinceladas mais densas que sugerem explosões.

Figuras humanas estilizadas, em vermelho, azul e amarelo, evocam dançarinos ou personagens típicos do ciclo junino. Bandeirolas aparecem discretamente, reforçando o ambiente festivo. Entre os elementos, identifica-se ainda um barco representado de maneira abstrata, aludindo ao tradicional Barco de Fogo, símbolo marcante da cultura estanciana.

Entre os elementos textuais presentes na imagem, destacam-se as expressões “Cada vez + Tradição, Cultura e Arte”, “São João 2016” e “PROGRAMAÇÃO”, todas apresentadas em branco e distribuídas de forma centralizada na composição. Consta também o crédito ao artista Gleidson Maciel dos Santos, vencedor do concurso de telas realizado em 3 de maio de 2016. Além disso, aparecem os logotipos e as identificações institucionais da Prefeitura de Estância e da Secretaria Municipal de Cultura, bem como o endereço eletrônico e os perfis oficiais do município nas redes sociais.

Figura 16: Cartaz de divulgação do São João de Estância (2017)



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

O fundo da imagem de 2017 apresenta um azul escuro predominante, trabalhado em degradê que transita para tons mais claros, evocando a atmosfera de um céu noturno. Pequenos pontos brancos distribuídos pela composição remetem a faíscas ou estrelas, reforçando o caráter festivo. Na parte inferior central, destaca-se o Barco de Fogo, representado com estrutura em tons de vermelho, laranja e amarelo, sugerindo luminosidade e combustão. Linhas curvas e onduladas conferem sensação de movimento, enquanto a base, em vermelho profundo, contrasta com as chamas mais claras. Um rastro luminoso em amarelo e laranja acompanha o barco, acentuando a impressão de velocidade.

Ao fundo, diversos fogos de artifício surgem em diferentes tamanhos e formatos, com predominância das cores amarelo, vermelho, laranja e azul. Alguns apresentam formas circulares, enquanto outros se assemelham a explosões radiais com traços alongados. No canto superior esquerdo, observa-se a silhueta estilizada de uma igreja, composta por tons de amarelo e laranja, com detalhes em vermelho, representada de maneira simplificada, com torres e janelas evidenciadas. Bandeirolas discretas aparecem na parte superior, em vermelho, amarelo e azul, acompanhadas de pequenos traços e pontos coloridos que simulam confetes ou faíscas.

No que se refere aos elementos textuais, o cartaz apresenta, no topo, a inscrição “SÃO JOÃO 2017”, em branco, com tipografia ampliada e de caráter festivo. Logo abaixo, a frase “Embarque nessa Alegria!” também aparece em branco, desta vez em fonte cursiva, reforçando o tom convidativo da peça. Em posição de destaque, lê-se “HOJE TEM! Barco de Fogo”, igualmente em branco, com ênfase visual no nome da atração. As informações referentes ao local e ao horário, “Praça Barão do Rio Branco às 20h”, seguem o mesmo padrão cromático.

Na parte inferior, concentram-se os logotipos dos patrocinadores e apoiadores, exibidos em suas cores institucionais: azul e branco no caso da Caixa; verde, amarelo e azul na marca do Governo Federal; vermelho, azul e branco no logotipo do GBarbosa; além de outras identidades visuais que variam entre tons neutros e paletas coloridas. Também estão presentes os símbolos da Prefeitura de Estância e de seus parceiros institucionais, compondo o rodapé informativo. O cartaz não menciona o nome de um *designer*, ilustrador ou artista responsável pela arte visual.

Figura 17: Convite para abertura da exposição “Sergipe é o país do forró”



Fonte: Instagram Secretaria da Cultura do Estado de Sergipe.

A figura representa um convite oficial feito ao Governo do Estado de Sergipe para a abertura da exposição “Sergipe é o país do forró” que apresenta um fundo que simula madeira e uma ilustração de um barco de fogo principal figura dos festejos juninos do município de Estância, com bandeirinhas coloridas no canto superior direito, remetendo às celebrações juninas e ao forró. O texto comunica que o Governo do Estado de Sergipe, por intermédio da Secretaria de Estado da Cultura e da Galeria de Arte J. Inácio, está promovendo a abertura da exposição “Sergipe é o País do Forró”, agendada para o dia 14 de junho, às 10h, com visita disponível até 3 de julho. A mostra inclui a instalação do Barco de Fogo (Estância/SE), fotografias de Diego di Souza, e pinturas como Joel Dantas, Jo’K, Adauto Machado, Fábio Sampaio e Ana Denise (pinturas e xilogravuras). Informa que serão exibidas ainda indumentarias de grupos como Unidos em Asa Branca, Pioneiros da Roça, Luiz Gonzaga e Abusados da Roça. Ao final, constam a assinatura do secretário João Augusto Gama da Silva e os logotipos do Governo de Sergipe e da Secretaria de Cultura.

O visual geral da imagem do Convite para abertura da exposição “Sergipe é o país do forró” valoriza a temática do forró e das tradições juninas que acontecem no município de Estância, com cores quentes, tipografia clara e elementos culturais nordestinos, muito convidativo para conhecer esses festejos.

Figura 18: Do dia do Barco de fogo – Dia 11 de junho



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A figura mostra na parte superior a mensagem na qual destaca-se o texto “11 de junho – Dia do Barco de Fogo!”, comemorando a data festiva dessa manifestação cultural característica do município de Estância/SE. A seguir, encontram-se os créditos da Secretaria Municipal de Comunicação Social de Estância, o logotipo da Prefeitura de Estância, bem como o *site* oficial e as redes sociais, evidenciando que se trata de um material institucional voltado à divulgação cultural dessa data para os moradores do município.

A imagem retrata um barco de fogo em movimento noturno, quando normalmente ocorre a corrida dos barcos de fogo, emitindo faíscas e um rastro luminoso enquanto atravessa um espaço com bandeirinhas coloridas no céu, característica das festas juninas. O barco com cores vivas, decorados com papéis alumínios bem coloridos, aparenta estar suspenso por uma

estrutura, gerando um efeito visual de velocidade e luminosidade. Ao fundo, silhuetas de pessoas e explosões de fogos de artifício intensificam o ambiente festivo e tradicional do evento.

Figura 19: Programação do São João de Estância do ano 2018



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz oficial do São João de Estância 2018, apresentando um fundo claro e elementos característicos das festas juninas, como bandeirinhas coloridas e luzes festivas. No centro superior, uma bandeirinha junina amarela exibe o título do evento, destacando a cidade como “a mais cultural do Brasil”. As laterais, imagens do barco de fogo em ação, correndo pelo cabo de aço, com o céu cheio de bandeirinhas coloridas e do outro lado uma apresentação junina com público envolvido nas comemorações reforça a tradição junina e o aspecto cultural da festa.

A seguir, o cartaz apresenta a programação do Salva Junina (início dos festejos juninos no município de Estância), com data de 31 de maio. Anuncia-se que os *shows* acontecerão no Forró dromo Rogério Cardoso, em Estância, cidade reconhecida como a capital brasileira do barco de fogo. Também será realizado um cortejo cultural no bairro Alagoas, com início às 18h, evidenciando que o evento inclui manifestações populares, música, dança e envolvimento da comunidade.

Na parte inferior, estão as imagens dos artistas confirmados para as apresentações: Jonas Esticado, Dorgival Dantas, Luan Estilizado e Gardenia Mel. Essas imagens vêm acompanhadas dos logotipos institucionais de órgãos culturais, da prefeitura e dos patrocinadores, sinalizando que se trata de um material oficial de divulgação do evento junino.

Figura 20: Dia da Sergipanidade



Fonte: Instagram Museu da Gente Sergipana, 2025.

A imagem mostra um cartaz de fundo claro e *design* moderno, destacando um barco de fogo estilizado adornado com bandeirinhas coloridas presas por hastes metálicas. Isso simboliza uma das expressões culturais mais tradicionais do período junino em Sergipe. O barco exibe cores vibrantes como vermelho, azul, amarelo e verde, com uma estrutura detalhada e elementos que evocam a ornamentação característica das festas populares, transmitindo uma sensação de movimento e alegria.

Na parte superior, encontra-se a frase “Somos feitos de sergipanidade”, acompanhada de um grafismo em verde e azul que remete à identidade cultural do estado. Na parte inferior, uma faixa laranja exibe a inscrição “Barco de Fogo”, destacando o tema central da peça. O conjunto visual exalta o orgulho local e as tradições juninas, destacando o barco de fogo como um símbolo significativo da cultura sergipana. Há um logo do Banco Estadual de Sergipe

(Banese) que também representa o Instituto Banese que gerencia o Museu da Gente Sergipana em conjunto com o governo do estado (uma gestão mista, público-privada).

Figura 21: Largo da gente sergipana



Fonte: Instagram Museu da Gente Sergipana.

A imagem apresenta um material informativo com um fundo claro, no qual se destaca, no topo, a frase “Largo da Gente Sergipana” em letras coloridas, ressaltando a cultura de Sergipe. O *design* é moderno e organizado, mesclando elementos gráficos com texto explicativo e uma ilustração minuciosa do barco de fogo, ícone das festas juninas do estado.

À direita, vê-se o barco de fogo estilizado, com estrutura metálica e base em cores vibrantes como vermelho, azul e amarelo, além de diversas bandeirinhas coloridas fixadas nos mastros. O desenho retrata a noção de um artefato pendurado por cabos, um elemento característico dessa manifestação cultural tradicional de Estância.

À esquerda, há um bloco de texto em uma forma circular azul com o título “Barco de Fogo”, descrevendo a origem da tradição, que é creditada ao fogueteiro Antônio Francisco da Silva Cardoso, também conhecido como Chico Surdo. O texto relata que a prática começou no final dos anos 1930 e explica como o barco funciona: ele se move por meio de foguetes ao longo de um arame esticado, tornando-se uma das principais atrações das festas juninas da cidade.

Na parte inferior, estão os logotipos de instituições apoiadoras e realizadoras, como a Prefeitura de Aracaju, Instituto Banese e Governo de Sergipe. Esses logotipos indicam que o material é oficial e visa valorizar e divulgar o patrimônio cultural sergipano relacionado ao barco de fogo.

Figura 22: Dia do Barco de fogo no ano de 2019



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz comemorativo com um fundo em tons quentes de vermelho, laranja e amarelo, imitando o brilho e as faíscas dos fogos de artifício noturnos. No canto superior esquerdo, vê-se um barco de fogo em movimento, adornado com bandeirinhas coloridas e cercado por uma explosão de luz e fumaça, evocando a sensação de velocidade, energia e show característicos das festas juninas.

No centro do cartaz, destaca-se o texto “11 de junho – Dia do Barco de Fogo”, com a expressão “Barco de Fogo” em letras grandes e amarelas. A frase “Eu vou navegar é no Barco de Fogo” enfatiza o aspecto festivo e tradicional do evento cultural. O efeito visual das faíscas dispersas ao fundo estabelece um ambiente festivo e destaca a importância dessa tradição popular.

Na parte inferior, estão presentes o brasão e o nome da Prefeitura de Estância, bem como o site oficial e as redes sociais. Isso indica que se trata de um material institucional para divulgar a data comemorativa no município de Estância, reconhecido como a capital brasileira do barco de fogo.

Figura 23: Live São João de Estância do ano de 2020



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz com um fundo azul texturizado, semelhante ao tecido de palha usado em decorações juninas. Na parte superior, há bandeirinhas coloridas, e nas laterais, lanternas acesas, criando um ambiente festivo e acolhedor. No centro, destaca-se o título “Live São João Estância”, acompanhado de elementos gráficos de sanfona, instrumento típico do forró, que reforçam a identidade cultural do Nordeste.

A seguir estão os detalhes do evento: “31/05 – 20h – Dom”, com a hashtag “#emcasa”, sinalizando que a programação foi realizada virtualmente. A expressão “Salva Digital 2020” surge a seguir, indicando que as festividades juninas foram adaptadas para o formato virtual, durante o isolamento social da pandemia da Covid-19, preservando a tradição mesmo durante um momento tão conturbado e difícil de crise sanitária caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a maior do século XXI.

Na parte inferior, encontram-se os emblemas do município de Estância e as redes sociais da Prefeitura de Estância, bem como o *site* oficial e a *hashtag* “#fiqueemcasa”. Esses

elementos reforçam a natureza informativa e preventiva do material, vinculado ao município de Estância e à promoção do São João no formato digital.

Figura 24: Live São João 2021



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz do São João 2021, com um fundo verde texturizado e bandeirinhas coloridas no topo, evocando o ambiente festivo junino. No centro, está o título “São João 2021”, acompanhado de itens característicos como chapéu de palha e sanfonas, enfatizando a identidade do forró e das festas nordestinas. Também está presente a frase “Uma tradição que não se apaga”, ressaltando a persistência da comemoração, mesmo em formato adaptado.

À esquerda, vê-se fotos dos artistas que participaram da *live*, agrupados e vestidos de maneira casual e temática, transmitindo uma sensação de proximidade com o público. Na parte inferior, estão os nomes das atrações: Fabinho do Acordeon, Tyta Barão, Baile na Vila e Flávio e Lainy Play nas Antigas. Isso demonstra a variedade musical presente no forró e no repertório junino.

À direita, encontra-se a informação “Live - 31/05 - a partir das 18h”, acompanhada de um *QR code* para ingressar no evento virtual, além do canal da Prefeitura de Estância no YouTube e da identificação da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Estância. Isso indica que é uma programação oficial da cidade de Estância ocorrida também durante a pandemia da Covid-19.

Figura 25: Programação do Dia 11/06/2022- Dia do Barco de fogo



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A figura acima exibe um cartaz festivo em cores quentes e vibrantes, com predominância de laranja, amarelo e vermelho. No topo, existem bandeirinhas coloridas e enfeites tradicionais, além da representação de um barco de fogo em movimento, que libera faíscas brilhantes que cruzam a composição e destacam o aspecto cultural e pirotécnico do evento. O fundo apresenta uma textura semelhante à palha ou ao trançado de esteira, frequentemente relacionada às festas do Nordeste.

Em destaque no centro do cartaz, encontra-se o título “Os Marujos de Chico Surdo”, acompanhado de uma faixa que divulga a programação para o dia 11 de junho, sábado,

considerado o “Dia do Barco de Fogo”. A tipografia é grande e de alto contraste, o que torna a leitura mais fácil e destaca o evento principal. A organização visual destaca a data e o nome do evento, evidenciando que é uma atividade cultural tradicional.

A seguir, a programação está organizada em tópicos, com horários e atividades, como forró na feira, apresentações no campo do Seme, desfile dos marujos e *shows* à noite. Além disso, são mencionados os locais onde cada atividade será realizada, como a escola, o porto e a praça da Vila do Forró, evidenciando que o evento se espalha por diversos pontos da cidade e inclui várias expressões culturais, como trio pé de serra, batucada e *shows* de artistas locais.

Na parte inferior do cartaz, são exibidos logotipos institucionais e elementos gráficos relacionados ao São João, como a identidade visual do evento e da prefeitura de Estância, juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Além disso, há uma imagem de um sanfoneiro, destacando o aspecto musical e tradicional da festa, que comemora a cultura popular relacionada ao barco de fogo e aos marujos de Chico Surdo. Foi a retomada das atividades juninas presenciais pós-pandemia.

Figura 26: São João 2023



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A figura acima mostra um cartaz publicitário do São João 2023, com um fundo azul profundo e bandeirinhas amarelas na parte superior, evocando o ambiente das festas juninas. No centro superior, há um logotipo estilizado representando um barco de fogo, acompanhado do texto “São João 2023”. Ao lado, encontra-se a data do evento: de 31 de maio a 29 de junho.

O *design* mostrou-se ser contemporâneo e minimalista, mesclando elementos clássicos com uma estética de espetáculo musical.

Na parte inferior do cartaz, há uma montagem com diversos cantores e bandas, dispostos lado a lado como principais atrações do evento. Os artistas são retratados sorrindo, em poses relaxadas e usando figurinos diversos, que vão de roupas pretas e coloridas a chapéus de couro e vermelhos, além de óculos escuros e microfones. Isso evidencia a variedade de estilos musicais presentes na programação. A composição enfatiza o aspecto festivo e a ideia de grandes apresentações durante o período junino.

O conjunto visual sugere um evento de grande porte, centrado na música e no entretenimento característico do período junino. A presença de diversos artistas renomados indica uma programação ampla e direcionada a diferentes públicos, ao passo que as bandeirinhas e o símbolo do barco de fogo ligam o cartaz às tradições culturais do Nordeste, em especial às festividades populares que celebram o São João.

Figura 27: Programação Oficial do São João 2023



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

O cartaz tem como objetivo anunciar a programação oficial do São João 2023 na cidade de Estância. Em destaque, o texto “CONFIRA A PROGRAMAÇÃO OFICIAL” aparece em letras grandes e brancas sobre um fundo azul intenso, adornado com bandeirolas

características de festas juninas nas cores azul e amarela. A identidade visual evoca de forma clara o ambiente festivo e tradicional do período junino no Brasil.

À direita da imagem, vê-se uma jovem sorridente usando uma coroa e uma faixa laranja com as palavras “RAINHA DO SÃO JOÃO”. Ela usa uma blusa azul e forma um coração com as mãos, demonstrando simpatia e receptividade. A presença dela destaca o aspecto cultural e simbólico da festa, elevando a figura da rainha como emblema do evento.

Na parte central e inferior do cartaz, encontra-se o logotipo “São João 2023”, seguido das datas “31 de maio a 29 de junho”. Há também a logomarca da Prefeitura de Estância, com o lema “Meu amor, minha cidade” e dados institucionais. A figura em sua totalidade ressalta a comemoração tradicional, convidando tanto os moradores quanto os visitantes a se juntarem às festividades.

Figura 28: Programação do São João de Estância de 2024



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz publicitário do São João 2024 da cidade de Estância. O fundo é majoritariamente azul, adornado com bandeirolas juninas em azul e amarelo, enfatizando o ambiente festivo característico das comemorações de São João no Nordeste. No canto superior esquerdo, encontra-se a identidade visual do evento, com o texto “São João 2024” e elementos gráficos que fazem referência à cultura local.

A seguir, em destaque, há um texto em amarelo com letras pretas, que afirma: “CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO SÃO JOÃO DE ESTÂNCIA 2024”. A utilização de cores contrastantes atrai a atenção e guia o olhar do público para a mensagem central do cartaz, que é convidar as pessoas a descobrirem a programação oficial do evento.

Na parte central superior, também está o lema “Meu amor, minha cidade”, junto com as informações institucionais da Prefeitura de Estância, incluindo referências às secretarias municipais que participaram da organização do evento. Esses elementos destacam que se trata de uma comunicação oficial da administração municipal.

À direita da imagem, há uma jovem sorridente usando um traje junino típico, colorido e adornado com bordados e aplicações brilhantes. Ela usa um enfeite dourado na cabeça e faz um movimento com a mão, indicando para frente, como se chamasse o público para se juntar a ela. Sua expressão feliz e vestimenta típica contribuem para transmitir o clima festivo e cultural do São João.

Figura 29: São João 2025



Fonte: Prefeitura de Estância (Instagram)

A imagem mostra um cartaz publicitário do São João 2025, apresentando um *design* vibrante nas tonalidades azul e laranja. No centro, há uma imagem de uma sanfona aberta, com o teclado de um lado e os botões do outro, representando a música tradicional das festas juninas.

Em letras grandes e em relevo, a sanfona exibe o texto “SÃO JOÃO 2025”, com um pequeno coração acima da palavra “São”, destacando o ambiente carinhoso e festivo da comemoração.

A seguir, encontram-se as datas do evento: “31 de maio a 29 de junho”. Logo depois, surgem pequenos ícones coloridos que simbolizam elementos culturais e turísticos da cidade, acompanhados da expressão “Todas essas coisas são daqui”. Mais adiante, encontra-se a expressão “Capital Brasileira do Barco de Fogo”, que ressalta uma importante tradição cultural da cidade.

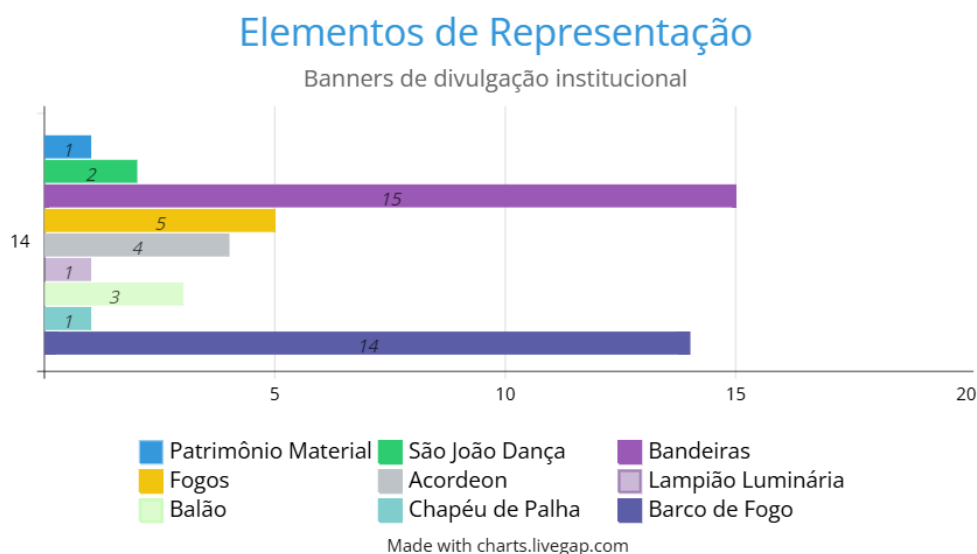
Na parte inferior do cartaz, estão as assinaturas institucionais da Secretaria Municipal da Cultura e da Prefeitura de Estância, com o *slogan* relacionado à cultura e trabalho. À direita, há a ilustração de uma lanterna junina colorida, elemento típico das festas de São João, complementando o visual tradicional e festivo da peça publicitária.

3.2. Análise da produção institucional de identidade e memória em Estância

Depois de descrever cada *banner* de divulgação institucional de 2016 a 2025, é possível verificar a presença e repetição de alguns elementos de representação no São João, desse modo, vemos os signos mais presentes na cultura estanciana: patrimônio material, dança de São João, bandeiras, fogos, acordeom, lampião, balão, chapéu de palha e barco de fogo.

Em cada material visual descrito foi possível quantificar a totalidade de vezes que esses elementos aparecem e considerar seu grau de influência e impacto na construção do imaginário, identidade e memória local ao longo da história.

Figura 30: Gráfico de Elementos de Representação de Estância



Fonte: Elaboração própria, 2026 (<https://charts.livegap.com/>)

Por ordem crescente de presença, as bandeirinhas dos festejos juninos possuem o maior quantitativo, seguidas do barco de fogo, os fogos ficam em 3º lugar nesse *ranking*, o acordeom em 4º, o balão em 5º e a dança de São João em 6º. O restante dos elementos (patrimônio imaterial, lampião e chapéu de palha só aparecem uma vez.

A recorrência de signos (como bandeiras, barco de fogo, fogos, acordeom, balão e dança de São João) não é aleatória: ela expressa escolhas institucionais que moldam o imaginário social ao longo do tempo. Desse modo, alguns símbolos se consolidam como marcadores centrais da cultura estanciana, enquanto outros aparecem de forma mais pontual.

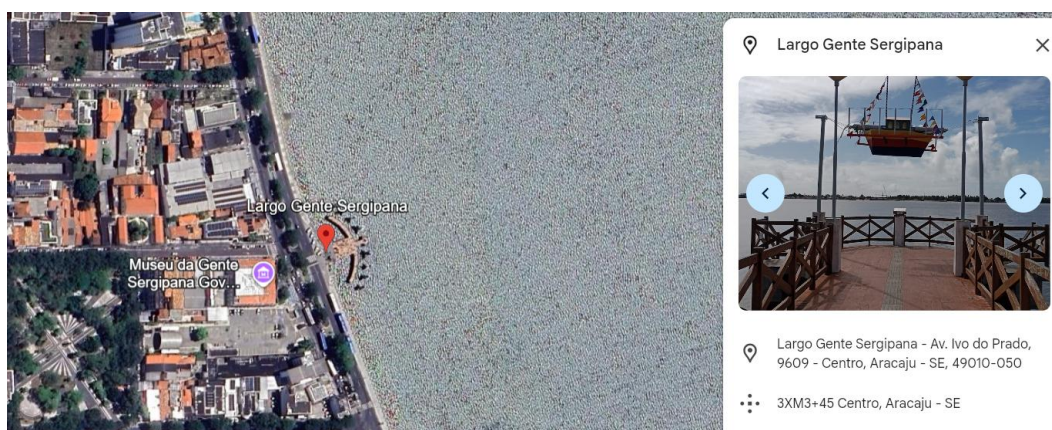
Curiosamente, os anos marcados pela pandemia, 2020 e 2021, trouxeram os únicos banners da prefeitura sem a presença do barco de fogo, sendo valorizados as bandeiras, o balão, o lampião, o acordeom e o chapéu de palha.

Essa distribuição revela uma hierarquia simbólica que orienta a forma como a cultura local é representada e consumida pelo público. Ao privilegiar certos elementos, os materiais de divulgação contribuem para fixar no imaginário social quais aspectos são considerados mais representativos da identidade estanciana e sergipana. Essa seleção, consciente ou não, atua diretamente na formação da memória cultural, influenciando como as futuras gerações compreenderão e valorizarão seu patrimônio imaterial.

Icléia Thiesen (1997) afirma que a instituição utiliza a “memória-hábito” para fixar rotinas e padrões de conduta que devem ser repetidos mecanicamente pelos indivíduos (trabalhadores, alunos, soldados), o que exige o esquecimento de impulsos ou saberes divergentes.

Deve-se lembrar ainda que o barco de fogo está presente no Largo da Gente Sergipana, inaugurado em 2018, em frente ao Museu da Gente Sergipana, contendo a estátuária dos brincantes das manifestações culturais imateriais do estado. Ele é um dos únicos elementos inanimados ao lado do boi do Reisado, os demais prefiguram os sujeitos que dança, cantam e fazem suas performances como as Taieiras, Cacumbi, Bacamarteiros, Parafusos, Chegança, Lambe Sujo e Caboclinhos e São Gonçalo.

Figura 31: Vista aérea do Largo da Gente Sergipana com destaque da estatuária do barco de fogo



Fonte: Google Earth, 2026.

A imagética do Barco de Fogo utilizada em materiais institucionais, mesmo quando não vinculada diretamente à divulgação dos festejos juninos, revela a força simbólica desse artefato como marcador identitário de Estância e de Sergipe. Sua presença nos *banners* do Instituto Banese/Museu da Gente Sergipana e da Galeria de Arte J. Inácio demonstra que o Barco de Fogo ultrapassa o contexto festivo e se consolida como um signo cultural capaz de representar o estado em esferas mais amplas de comunicação institucional. Ao ser acionado nesses espaços, o barco é ressignificado como patrimônio imaterial e elemento de memória coletiva, reforçando sua centralidade no imaginário sergipano. Essa circulação ampliada contribui para fixar o Barco de Fogo como um ícone cultural reconhecível, fortalecendo sua legitimidade enquanto símbolo de identidade regional e ampliando sua função narrativa na construção da imagem pública de Sergipe.

A memória institucional tem como finalidade central garantir a continuidade e a circulação da história, da identidade e do conjunto de saberes construídos por uma instituição ao longo do tempo, a partir das produções de seus integrantes e de suas interações com a sociedade. Esse patrimônio reúne uma variedade ampla de materiais, incluindo documentos normativos (como estatutos, regimentos, atas e resoluções), relatórios, correspondências, manuscritos, discursos, registros administrativos, depoimentos, fotografias, vídeos, obras artísticas e outros elementos que expressam e representam essa trajetória coletiva (Cavalcante; Sales; Guerra, 2024, p. 4).

Em relação as frases que acompanham os *banners* de divulgação dos festejos juninos, encontramos:

“Cada vez + tradição, cultura e arte”
“Embarque nessa alegria”
“Uma tradição que não se apaga”
“São João Estância – O mais cultural do Brasil”
“Somos feitos de sergipanidade”
“Eu vou navegar é no Barco de Fogo”
“Os marujos de Chico Surdo” (criador do barco de fogo)
“Todas essas coisas são daqui”
“Capital brasileira do Barco de Fogo”
“Meu amor, minha cidade” (2x)

As frases presentes nos cartazes institucionais operam como enunciados performativos que reforçam pertencimento, memória e identidade cultural ao mobilizarem valores afetivos e simbólicos associados ao São João de Estância. Expressões como “Cada vez + tradição, cultura e arte”, “Uma tradição que não se apaga” e “São João Estância – O mais cultural do Brasil” constroem uma narrativa de continuidade histórica, legitimando o festejo como patrimônio vivo e ininterrupto. Esses enunciados não apenas descrevem a festa, mas produzem sentidos que a elevam a um marcador identitário coletivo, sugerindo que participar dela é reafirmar vínculos com a comunidade e com a história local. Já frases como “Somos feitos de sergipanidade” e “Todas essas coisas são daqui” ampliam o alcance simbólico ao conectar o festejo à identidade estadual, transformando elementos culturais específicos (como o Barco de Fogo) em signos representativos de Sergipe como um todo.

Outras expressões atuam diretamente na construção de um imaginário afetivo e heroico em torno do Barco de Fogo e de seus criadores. “Eu vou navegar é no Barco de Fogo”, “Embarque nessa alegria” e “Capital brasileira do Barco de Fogo” reforçam a centralidade desse artefato na identidade estanciana, associando-o a orgulho, pertencimento e singularidade cultural. A frase “Os marujos de Chico Surdo”, ao mencionar o criador do barco, insere a memória individual na memória coletiva, valorizando sujeitos históricos que contribuíram para a formação do patrimônio imaterial local. Por fim, “Meu amor, minha cidade”, repetida em diferentes materiais, opera como síntese afetiva que transforma a relação com Estância em vínculo emocional e identitário. Assim, o conjunto dessas frases não apenas divulga eventos, mas produz e atualiza sentidos de identidade, memória e pertencimento que moldam a forma como a comunidade se reconhece e se narra ao longo do tempo.

A noção de “lugares de memória” formulada por Pierre Nora (1993) pode ser reinterpretada no contexto das representações culturais de Estância para compreender como determinados símbolos, práticas e espaços se tornam referências estruturantes da identidade local. Segundo o autor, esses lugares se caracterizam por uma **dimensão material**, visível em suportes físicos como museus, monumentos, arquivos ou objetos emblemáticos; por uma **dimensão funcional**, responsável por assegurar a preservação e a transmissão das lembranças coletivas; e por uma **dimensão simbólica**, que permite que experiências vividas por grupos específicos sejam convertidas em significados compartilhados por toda a comunidade. Quando aplicadas às manifestações estancianas (como o Barco de Fogo, os festejos juninos, os acervos museológicos e os materiais de divulgação institucional) essas três dimensões se articulam para transformar elementos culturais em marcos de memória social (grifo meu).

No caso de Estância, a circulação de imagens, narrativas e símbolos associados ao São João e ao Barco de Fogo exemplifica como esses lugares de memória são continuamente atualizados e ressignificados. Os *banners*, campanhas culturais e espaços expositivos funcionam como suportes materiais que cristalizam práticas festivas e identidades locais, ao mesmo tempo em que cumprem a função de transmitir essas tradições às novas gerações. Além disso, tais representações carregam forte valor simbólico: mesmo aqueles que não vivenciaram diretamente a origem do Barco de Fogo ou as primeiras celebrações juninas reconhecem nesses signos uma herança coletiva que os conecta à história estanciana e sergipana. Assim, as representações culturais de Estância operam como dispositivos de memória que consolidam pertencimento, reforçam narrativas identitárias e asseguram a continuidade de tradições que ultrapassam o tempo e os indivíduos que as criaram.

Porém, há um outro lado, menos exaltador nessa relação cultural, pois a valorização simbólica nem sempre se converte em valorização econômica, criando tensões entre o prestígio cultural atribuído aos elementos tradicionais e a remuneração efetiva dos sujeitos que os mantêm vivos.

Essas tensões também se manifestam na relação entre memória comunitária e apropriação institucional. À medida que órgãos públicos e instituições culturais utilizam imagens, narrativas e símbolos (como o Barco de Fogo) em campanhas oficiais, surgem debates sobre direitos autorais, reconhecimento dos criadores, compensações financeiras e participação das comunidades no processo decisório. A institucionalização pode fortalecer a visibilidade da cultura estanciana, mas também pode gerar conflitos quando os grupos tradicionais percebem que seus saberes são utilizados sem retorno proporcional ou sem consulta prévia. Assim, o campo cultural de Estância se torna um espaço de negociação constante entre tradição e

mercado, entre memória e política, entre pertencimento e remuneração, revelando que a economia simbólica e a economia material nem sempre caminham juntas.

Outro aspecto também deve ser evidenciado que é o fato de o patrimônio imaterial aparecer só uma vez nos banners promocionais, pois uma parte da arquitetura dos casarios históricos na cidade encontra-se em processo de desabamento/demolição, com os populares azulejos sendo extraídos e pouca mobilização dos gestores públicos em medidas de preservação e restauração daquelas edificações que requerem maior investimento financeiro. Esse silêncio nas imagéticas institucional diz muito.

Nesse sentido, Icléia Thiesen (1997) aponta que as instituições utilizam o esquecimento e o silêncio como ferramentas políticas estratégicas para manter o poder, legitimar sua existência e garantir a reprodução de uma determinada ordem social. Esse processo não é acidental, mas sim uma forma de racionalização que define o que deve ser lembrado e o que deve ser ocultado.

A formulação de Janaina Mello (2022, p. 19) destaca que o reconhecimento do patrimônio como parte constitutiva da própria identidade dos sujeitos – e, portanto, como um bem que também lhes pertence – fortalece a possibilidade de que esses indivíduos atuem de forma ativa na definição do que deve ser preservado e na elaboração de narrativas que deem sentido crítico ao passado. Essa consciência amplia o protagonismo social na mediação das decisões sobre a seleção das heranças culturais, permitindo que grupos historicamente silenciados participem da construção de interpretações que contextualizam, problematizam e estimulam práticas democráticas. Nesse sentido, tal engajamento configura uma alternativa de base comunitária aos processos institucionais de apagamento, esquecimento e silenciamento.

Desse modo, o ensino de História e a educação patrimonial da história local fortalecem a participação crítica das comunidades ao aproximar estudantes e moradores de suas próprias narrativas, estimulando a consciência histórica, o reconhecimento do patrimônio como parte da identidade coletiva e a valorização de grupos e memórias frequentemente invisibilizados; ao integrar práticas educativas, análise do território e construção de narrativas próprias, esses processos ampliam o protagonismo social na escolha do que preservar, favorecem a criação de contranarrativas e contribuem para enfrentar silenciamentos e apagamentos institucionais por meio de uma atuação mais democrática e contextualizada.

4. ENSINANDO A HISTÓRIA DE ESTÂNCIA COM O BARCO DE FOGO

O ensino de história local ganha força quando se apoia em manifestações culturais vivas, como os festejos juninos e o Barco de Fogo de Estância, pois essas tradições permitem que os alunos reconheçam no presente as marcas do passado que moldaram sua comunidade. Ao estudar a origem, a evolução e os significados dessas celebrações, os estudantes compreendem como práticas coletivas constroem pertencimento, fortalecem vínculos sociais e preservam saberes transmitidos entre gerações. Esse contato direto com elementos culturais do cotidiano torna o aprendizado mais concreto e significativo, estimulando a valorização da própria terra e o respeito às identidades que compõem o município e o estado de Sergipe.

Além disso, trabalhar essas tradições em sala de aula contribui para que os alunos desenvolvam consciência histórica e senso crítico sobre o papel da cultura na formação de identidades. O Barco de Fogo, por exemplo, é mais do que um espetáculo: é um patrimônio imaterial que expressa criatividade, memória coletiva e resistência cultural. Ao compreenderem sua importância, os estudantes passam a reconhecer-se como herdeiros e guardiões dessas práticas, fortalecendo sua identidade sergipana e estanciana. Esse processo amplia a autoestima cultural, incentiva a participação comunitária e reforça a responsabilidade de preservar e transmitir essas tradições para as futuras gerações.

José Marcelo Araujo Santos (2024) desenvolveu, como parte de sua pesquisa de mestrado profissional, um Recurso Educacional Aberto (REA) voltado para o ensino da história local do município de Estância, em Sergipe a partir da criação de um Álbum de Figurinhas híbrido (impresso e digital). Sendo um recurso pensado para ser construído de modo coletivo, onde o professor e os alunos atuam juntos no tratamento da memória, das manifestações artísticas e das identidades locais. O REA auxilia na preservação do patrimônio do Barco de Fogo ao transformar o ensino de história local em uma experiência ativa e identitária para os alunos.

Conforme Janaina Mello e Jaqueline Zarbato (2022, p. 213) apontaram o patrimônio histórico-cultural distingue-se por abarcar diversas dimensões pedagógicas, expressas tanto na forma como é utilizado quanto nos sentidos educativos que produz. Ele envolve processos de educação pelo patrimônio, em que a própria herança cultural funciona como fonte de aprendizagem; educação com o patrimônio, quando esse acervo é incorporado às práticas formativas; e ações voltadas à gestão educativa do uso público do patrimônio, orientadas para sua preservação e apropriação social. Abrange ainda perspectivas interdisciplinares e

multidisciplinares, que articulam diferentes campos do conhecimento na compreensão e valorização desses bens.

Figura 32: Mapa Mental da articulação ente Ensino de História e Educação Patrimonial



Fonte: Elaboração própria com o Gemini, 2026

A imagem apresenta um mapa mental ilustrado que sistematiza a articulação entre o Ensino de História e a Educação Patrimonial, posicionando esse conceito como o núcleo central de uma rede educativa. A partir desse centro, o diagrama se ramifica em quatro pilares fundamentais, cada um representado por cores e ícones específicos: a Democratização da Memória, que destaca o papel ativo da comunidade na preservação de suas histórias; a Resignificação dos Espaços, que transforma locais cotidianos em portadores de identidade; a Criação de Contranarrativas, focada em dar visibilidade a vozes anteriormente apagadas por instituições; e a Formação de Sujeitos Críticos, que visa capacitar cidadãos a identificar manipulações históricas. Através de um estilo visual didático e vibrante, o mapa reforça a ideia de que o patrimônio não é apenas um objeto do passado, mas um campo vivo de disputa e construção social.

O ensino de História na educação básica é fundamental para a educação patrimonial porque oferece aos estudantes as ferramentas conceituais e críticas necessárias para compreender o patrimônio como construção social, resultado de disputas de memória e expressão de identidades coletivas. Ao trabalhar com temporalidades, narrativas e diferentes sujeitos históricos, a disciplina possibilita que crianças e jovens reconheçam o valor cultural dos bens materiais e imateriais de sua comunidade, entendam os processos de silenciamento e apagamento que afetam determinados grupos e desenvolvam a capacidade de interpretar,

questionar e preservar esses referenciais. Nesse processo, o ensino de História fortalece o sentimento de pertencimento, amplia a participação democrática na escolha do que deve ser preservado e forma sujeitos capazes de atuar de maneira consciente na defesa e valorização do patrimônio local.

Por isso, a seguir foram elaboradas propostas de sequências didáticas para serem aplicadas em sala de aula no ensino de História.

Quadro 2: Sequências Didáticas para o Ensino de História

Ano: 2026	
Objetivo geral da sequência didática (Pode ser a habilidade ou o objetivo de aprendizagem do currículo)	Compreender o Barco de Fogo como manifestação cultural tradicional de Estância, reconhecendo-o como patrimônio cultural imaterial e elemento constitutivo da identidade histórica, social e cultural do município, desenvolvendo a valorização da memória coletiva e do pertencimento local.
Quantidade de aulas (Quantas aulas serão empregadas para desenvolver a sequência)	6 h aula
Conteúdos abordados (Quais conteúdos serão trabalhados ao longo da sequência didática)	• História de Estância • Origem e significado do Barco de Fogo • Cultura popular e identidade cultural • Patrimônio cultural (material e imaterial)

Competências da BNCC	EF08HI14 – Discutir o conceito de cultura e suas múltiplas manifestações ao longo do tempo. EF09HI26 – Discutir e analisar as manifestações culturais como forma de expressão da identidade social.
-----------------------------	---

Aula 1	
Tema e conteúdos	• Cultura popular e patrimônio imaterial • História de Estância
Objetivo de aprendizagem	• Compreender o Barco de Fogo como manifestação cultural tradicional de Estância. • Relacionar cultura popular, memória e identidade local.
Resumo da atividade (Utilizar abordagens metodológicas que coloquem o aluno em posição ativa para buscar aprendizagem, descrever o que os alunos farão, quais espaços e materiais serão usados e como será o processo de avaliação para esta aula)	Levantamento de conhecimentos prévios • Pergunta norteadora: O que é o Barco de Fogo? • Exibição de imagens e vídeos da manifestação. • Roda de conversa sobre experiências familiares com o São João de Estância. • Introdução ao conceito de patrimônio cultural (material e imaterial). Atividade: Produção de um pequeno texto relatando memórias ou percepções sobre o Barco de Fogo.
Observações	Caso possível, irei promover aula de campo, visita a espaços culturais locais ou conversa com um mestre fogueteiro, valorizando o conhecimento da comunidade.

Aula 2	
Tema e conteúdos	• Origem e significado do Barco de Fogo • Memória coletiva e identidade cultural
Objetivo de aprendizagem (Escrever o objetivo de aprendizagem para esta aula)	• Reconhecer o Barco de Fogo como patrimônio cultural imaterial. • Valorizar os saberes dos mestres fogueteiros.
Resumo da atividade (Utilizar abordagens metodológicas que coloquem o aluno em posição ativa para buscar aprendizagem, descrever o que os alunos farão, quais espaços e materiais serão usados e como será o processo de avaliação para esta aula)	História e tradição • Apresentação histórica sobre o surgimento do Barco de Fogo em Estância. • Discussão sobre os mestres artesãos e a transmissão de saberes entre gerações. • Leitura e debate de trechos da monografia (adaptados à faixa etária). Atividade: Construção coletiva de uma linha do tempo sobre o Barco de Fogo.
Observações	Trabalhar o tema de forma interdisciplinar com Língua Portuguesa (produção textual), Arte (representações visuais do Barco de Fogo) e Geografia (território e identidade)

A sequência didática proposta articula de forma coerente os princípios da Educação Patrimonial, da História Local e das competências da BNCC ao tomar o Barco de Fogo como eixo estruturante para a compreensão da cultura, da memória e da identidade estanciana. Ao mobilizar metodologias ativas (como rodas de conversa, análise de imagens, produção textual, leitura de trechos acadêmicos e construção de linha do tempo) o plano de ação pedagógica promove a participação crítica dos estudantes e valoriza seus repertórios culturais, aproximando-os dos processos históricos que constituem o patrimônio imaterial do município. As aulas evidenciam uma perspectiva formativa que reconhece a cultura popular como fonte legítima de conhecimento histórico e como expressão viva da memória coletiva, destacando o papel dos mestres fogueteiros na transmissão intergeracional de saberes. Assim, o ensino de História assume um caráter contextualizado e significativo, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para a construção de identidades sociais ancoradas na valorização da tradição local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas mostram que os elementos culturais de Estância (especialmente o Barco de Fogo e os signos juninos) funcionam como potentes marcadores de memória e identidade, reforçados tanto pelas representações visuais quanto pelos discursos institucionais que os divulgam.

A recorrência desses símbolos em *banners*, *slogans* e campanhas culturais evidencia um processo contínuo de construção e atualização dos lugares de memória, no sentido proposto por Pierre Nora, articulando dimensões materiais, funcionais e simbólicas que consolidam a cultura estanciana como patrimônio coletivo.

Ao mesmo tempo, tornam-se visíveis as tensões entre valorização simbólica e reconhecimento material dos agentes culturais, revelando disputas por autoria, remuneração e legitimidade na apropriação institucional dessas tradições. Assim, a cultura de Estância emerge como um campo dinâmico em que memória, identidade, política e economia se entrelaçam, exigindo abordagens que garantam preservação ética, participação comunitária e sustentabilidade das práticas culturais que definem a singularidade local.

A articulação entre o ensino de História e a educação patrimonial constitui um caminho essencial para fortalecer a participação social na construção, preservação e interpretação das memórias coletivas. Ao reconhecer o patrimônio como expressão de identidades, disputas e experiências diversas, esse processo educativo amplia a compreensão crítica dos estudantes sobre o passado e sobre os mecanismos que produzem silenciamentos e apagamentos institucionais. Assim, a escola torna-se um espaço privilegiado para democratizar o acesso às narrativas históricas e para promover o protagonismo das comunidades na definição do que deve ser lembrado, valorizado e transmitido às gerações futuras.

Ao promover o diálogo entre memória, identidade e participação social, esse processo educativo fortalece a cidadania e reafirma o papel da escola como agente de transformação social. Considerando esse potencial formativo, um próximo passo importante é refletir sobre como essas práticas podem ser incorporadas de maneira sistemática aos currículos e projetos pedagógicos das escolas de sua região.

REFERÊNCIAS

CAIMI, Flávia Eloisa; MISTURA, Letícia. Análise de Conteúdo e Análise de Discurso na pesquisa em ensino de História. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. ed. São Leopoldo: [s. n.], 2021. p. 153-167.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; SALES, Odete Máyra Mesquita; GUERRA, Maria Aurea Montengro Albuquerque. Interseções entre memória institucional, representação da informação e gestão do conhecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e-137828, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/SnzV6W8QsFQ7HDRrtBv6htr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2026.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico- metodológica**. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CRUZ, Carole Ferreira da. **IFS realiza mapeamento da azulejaria histórica de Estância**. 28 ago. 2024. Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/ultimas-noticias/201-estancia/11623-ifs-realiza-mapeamento-da-azulejaria-historica-de-estancia.html>. Acesso em: 10 fev. 2026.
DIAS, Leonardo. **O barco de fogo que voa no impulso do fogo**. 2014. Disponível em: <https://nordesteempauta.blogspot.com/2014/09/e-cultura-o-barco-que-voa-no-impulso-do.html>. Acesso: 05/02/2026.

GOMES, Robertta de Jesus. **Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e resignificação em Estância/SE** / Robertta de Jesus Gomes; orientadora Sônia de Souza Mendonça Menezes. – São Cristóvão, 2017

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. **Lei nº 7690, de 23 de julho de 2013**. Torna o Barco de Fogo da Cidade de Estância patrimônio Imemorial do Estado de Sergipe, e dá providências correlatas. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://aleselegis.al.se.leg.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L76902013.html>. Acesso em: 18 ago. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. **Lei nº 8.650/2020**. Confere a Estância o título de “Capital Sergipana do Barco de Fogo”. Acesso em: 08 jul. 2025.

MARGOTTA, Alejandro. **Colonização do Brasil pelos portugueses e os impactos na cultura indígena**. [S. l.], 13 abr. 2023. Disponível em: <https://www.oficinadohistoriador.org/2023/04/colonizacao-do-brasil-pelos-portugueses-impacto-cultura-indigena.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MELLO, Janaina Cardoso de. Cidade, Patrimônio Histórico da Humanidade: Paisagem urbana, histórico-cultural e socioeconômica de Lima, Peru. **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 36–58, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/27997>. Acesso em: 27 fev. 2026.

MELLO, Janaína Cardoso de; ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Memória, patrimônio cultural e processos educativos: Diálogos e reflexões históricas. **Saeculum** - Revista de

História, [S. l.], v. 27, n. 46 (jan./jun.), p. 212–221, 2022. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2022v27n46.63264. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/63264>. Acesso em: 27 fev. 2026.

NASCIMENTO, Thalita Lins do; CARVALHO, Vanilson Costa. Inventário do Patrimônio Cultural da Cidade de Estância: mapeando espaços, práticas e saberes. In: **Anais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do IFS**, v. 1 n. 1, p. 777-782, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/SNCT/article/view/1248>. Acesso em: 10 fev. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 10, p. 7-28, (dez. 1993) 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 fev. 2026.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial e imperial**. Aracaju: Editora UFS, 2006.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011, 112 p. Recorte, [s. l.], 2010.

RAMOS, Luan Lacerda. **Materialidades e simbolismos do Barco-de-fogo em Estância/SE**. Orientador: Profª Drª Maria Augusta Mundim Vargas. 2018. 108 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão- SE, 2018.

SANTOS, Alisson. Estância, Rainha dos Abaís. In: **Estância Digital – SE**. 2020. Disponível em: <https://pd.estancia.se.gov.br/about.html>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SANTOS, José Marcelo Araújo. **Acorda fogueteiro, pisa pólvora no ar, buscapé, barco de fogo, o forró vai começar: o ensino de história à luz do barco de fogo e dos fogos de artifício nos festejos juninos de Estância/SE**. 2025. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.

SENADO FEDERAL. **Projeto de Lei nº 2772, de 9 de julho de 2025**. Confere o título de Capital Nacional do Barco de Fogo ao Município de Estância, no Estado de Sergipe, e reconhece essa alegoria pirotécnica como manifestação da cultura nacional. [S. l.], 9 jul. 2024.

SILVA, Priscila Santos. **(Não) vai dar Chabu! A festa do fogo no São João de Estância- SE**. 2011. 151 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão- SE, 2011.

SILVA, Priscila Soares. Mestres do Fogo: A fabricação dos fogos de artifício em Estância – SE. In: **Anais da Reunião Equatorial de Antropologia e da Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. Maceió: UFAL, 2016. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Priscila%20Soares%20Silva%20-%201019123%20-%2004081%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 18 jan. 2026.

SILVA, Rômulo Rodrigues de Souza *et al.* Enfrentamento da hanseníase em tempos de COVID-19: uma experiência exitosa de implantação de um sistema de rastreamento em área endêmica do Nordeste. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (RBMFC)**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, 3232, jan. -dez. 2023.

SOARES, José Domingos Machado. Estância e a reforma da Praça Barão do Rio Branco. **A Tribuna Cultural**, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www.tribunacultural.com.br/noticias/cidade/690085>. Acesso em: 20jan. 2026.

VICENTE, Tania Aparecida de Souza. **Metodologia da análise de imagens**. Revista Contracampo, Niterói, p. 147-158, 12, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17306>. Acesso em: 06 jul. 2025.